

Para não repetir a tragédia de Petrópolis

DESASTRE CLIMÁTICO

Número de mortos em deslizamentos e desabamentos causados pelas chuvas na cidade passa de 100. Mutirão atua nos resgates, identificação de corpos e limpeza das vias

LUJO, DESTRUIÇÃO E LAMA

NA HISTÓRICA PETRÓPOLIS

Petrópolis – Muitas famílias, algumas chorando, desciam na manhã de ontem do Bairro Alto da Serra levando consigo o pouco que conseguiram salvar de seus pertences após a chuva devastadora que atingiu a cidade histórica de Petrópolis na região serrana do Rio de Janeiro, a partir da tarde de terça-feira, provocando mais de 200 deslizamentos de terra. Ao fim do primeiro dos três dias de luto oficial decretados pela prefeitura, o número de mortos chegou a 104. O total de desaparecidos não foi divulgado pela equipe do Corpo de Bombeiros, mas um cadastro feito pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro mostra que 35 pessoas eram procuradas. Vinte e cinco pessoas foram resgatadas da via e mais de 370 ficaram desabrigadas ou desalojadas na cidade.

Na terça-feira, a cidade registrou 240 milímetros de chuva em duas horas, mais do que a média histórica do mês, de 238 milímetros. Várias ruas foram alagadas e pontos de acúmulo de água para pessoas que vivem em locais de risco foram abertos. Com o município em alerta máximo, a administração municipal decretou estado de calamidade pública, enquanto várias frentes de trabalho atuavam nas buscas, reconhecimento de vítimas, desobstrução de vias e apoio às famílias. Na cidade desde o dia do desastre, o governador Claudio Castro comparou o cenário a "uma guerra" e pediu ajuda do governo federal. Amanhã, o presidente Jair Bolsonaro, que está na Rússia, e parte de sua equipe vão sobrevoar Petrópolis.

"É uma coisa que ninguém esperava. Foi desapercebido, muito triste", afirmou Elisabeth Lourenço, carregando duas grandes bolsas nas quais colocou o máximo de roupa possível, enquanto descia com cuidado uma ladeira no bairro, escorregadia devido à lama trazida pela chuva. Como todos os outros moradores do bairro, essa manuseio de 32 anos tentou abandonar sua casa diante do temor de novos deslizamentos. Na hora da chuva, desceu muito barulho e os galhos das árvores caíram em cima da parte de trás da minha casa", contou.

A poucos metros dali, a imagem era de caos. Uma enorme parte da encosta ficou desmoronada, misturada com escombros de casas e restos de telhado. Segundo a Prefeitura de Petrópolis e o Corpo de Bombeiros, cerca de 80 casas foram atingidas por quedas de barreiras.

Equipes de resgate removiam enterrados em lama e os escombros para tentar encontrar sobreviventes, enquanto os moradores observavam a cena, incrédulos, se assustando a cada barulho mais alto, como a passagem de helicópteros. "Eu estava jantando quando começou a tempestade. Me iri no meio de buscar e me disse: Temos que ir, o morto está descendo", explicou Irtonimo Leonardo de 47, cuja casa, que permaneceu relativamente conservada, fica ao lado da ladeira soterrada pelo deslizamento de terra.

Todos os moradores do Alto da Serra, um bairro popular erguido na encosta de um morro a poucos minutos do Centro Histórico da cidade, foram obrigados a deixar suas casas. O destino deles: a igreja de Santo Antônio, a 10 minutos de caminhada dali, o alto de outro morro.

"ÁGUA NA CINTURA" Da praça desta pequena igreja colonial com fachada azul-celeste é possível ver a dimensão da destruição causada pela avalanche de terra, em meio à neblina e à possibilidade de novas chuvas, que mantive a cidade em alerta ontem. A

igreja recebeu dezenas de famílias desabrigadas, carregando bolsas e malas, e muitos voluntários que levaram doações. "Foi logo depois da tragédia, da queda da barreira, (...) que as pessoas começaram a chegar aqui". Creio que chegaram quase umas 150, 200 pessoas, famílias com crianças", explicou o padre Celestino, responsável pela paróquia. Atrás da igreja, foram colocados colchões no chão da sala principal da paróquia para atender os desalojados. "Não dormi nada durante toda a noite", explicou Yasmin Kenia Narciso, assistente escolar, de 26, enquanto amamentava Luana, sua bebê de 9 meses, sentada em um colchão. A jovem, que vive com outra filha, de 6, e seus avós, não pôde sair de sua casa antes das 23h.

"Tentamos sair antes, mas tinha muita pedra no meio do caminho e estava inundado. A água estava na cintura e tivemos que esperar o nível baixar", contou a jovem. "Não tenho notícias de vários vizinhos, uma senhora mais velha e seus três filhos pequenos que moravam alguns metros mais acima ficaram soterrados pelo barro". Nas instalações da igreja, Yasmin só conseguiu trocar as fraldas de sua filha com as doações que chegaram de madrugada. Na praça do templo religioso, diversos voluntários descarregavam garrafas de água de uma caminhonete, enquanto outros separavam as roupas. "Você pode me dar um tênis?", perguntou um menino, descalço e com as roupas sujas de lama. As vítimas agora ficaram em compasso de espera para saber se algum dia poderão retornar para suas casas, caso elas ainda estejam de pé.

AUXÍLIO O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, informou ontem que o custo do primeiro auxílio aos moradores de Petrópolis prejudicados pelo temporal será bancado pelo governo do estado. Ele disse, no entanto, que está em entendimentos com o governo federal para um aporte de recursos para a reconstrução da cidade.

Em entrevista concedida a jornalistas brasileiros em Moscou, Bolsonaro anunciou que sobrevoará Petrópolis amanhã, após resgatar de viagem. O presidente disse que conversou com os ministros da Economia, Paulo Guedes, e do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, para tratar de um crédito especial para atender vítimas. "Como é praxe nessas questões, há liberação do Fundo de Garantia (FGTS) e recursos para a reconstrução de obras emergenciais para restabelecer a transibilidade na região", detalhou.

BASE DE APOIO A Prefeitura de Petrópolis montou uma base no ginásio da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), no Bairro do Bimbo, para reunir os equipamentos e caminhões que estão sendo utilizados nas operações de terra. O prefeito Rubens Bontempo disse que a intenção é buscar mais agilidade para desenvolver a normalidade à cidade. Mais de 400 militares do Corpo de Bombeiros atuavam ontem em 44 pontos de observação.

"A cidade perdeu a sua capacidade de mobilidade urbana. Então, a gente precisa muito, neste momento, que as pessoas saiam de casa imediatamente se for necessário, para a gente poder atuar o mais rapidamente possível. Serão dias difíceis que a gente vai ter que enfrentar, e a gente vai ter que fazer esse enfrentamento juntos", apelou o prefeito em um vídeo publicado no seu perfil no Facebook.



Área de deslizamento de terra em Petrópolis: pelo menos 80 casas foram atingidas na cidade

OUTRAS TRAGÉDIAS
PELO MENOS OUTROS TRÊS DESASTRES CLIMÁTICOS Atingiram diferentes regiões do Rio de Janeiro desde 2009, provocando a morte de mais de mil pessoas. O maior deles, em número de vítimas, ocorreu em 2011, também na região serrana, atingindo Nova Friburgo e mais quatro cidades, entre elas Petrópolis. Confira abaixo

REGIÃO SERRANA

✓ Desastre climático de grandes proporções atingiu a região serrana do Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 2011, matando 918 pessoas e deixando 100 desaparecidos. Aproximadamente, 35 mil pessoas perderam suas casas ou tiveram que sair devido ao risco de desabamento. O município mais atingido foi Nova Friburgo, com 451 mortes. Teresópolis, Petrópolis, Sumidouro e São José do Vale do Rio Preto também foram afetadas. Além de deslizamentos, as enchentes, transbordaram. Casas, comércios, pontes e ruas ficaram destruídas.

NITERÓI

✓ Em 7 de abril de 2010, 48 pessoas morreram em um deslizamento de terra no Morro da Bumba, favela localizada em Niterói. A tragédia deixou mais de 200 pessoas desaparecidas. Cerca de 3 mil pessoas foram atingidas pelo desastre. Pelo menos 300 bombeiros participaram do trabalho de resgate. As casas foram construídas em cima de um antigo lixão desativado em 1982. Cerca de 200 imóveis foram construídos no local. O risco de deslizamentos na região já havia sido sinalizado por pesquisadores desde 2004.

ILHA GRANDE

✓ Em 31 de dezembro de 2009, 53 pessoas morreram depois que fortes chuvas atingiram a cidade de Angra dos Reis, na região do estado conhecida como Costa Verde. Na Enseada do Bonanal, que fica na ilha Grande, uma pouso foi soterrada. A maior parte dos deslizamentos ocorreu durante o madrugada.



Resgate de vítimas: com o grande número de mortos, o IML montou postos para agilizar identificação

Frente fria e instabilidade provocaram a tempestade

A passagem de uma frente fria pelo oceano, em conjunto com as instabilidades geradas pelo aquecimento diurno, mais a disponibilidade de umidade foram as causas da chuva muito forte no primeiro distrito do município de Petrópolis entre a tarde e a noite de terça-feira, explicou ontem a Defesa Civil municipal. No Alto da Serra, foram registrados 125,8mm por hora e o acumulado pluviométrico atingiu 259,8mm em quatro horas, em São Sebastião. Durante a madrugada e manhã de quarta-feira não houve registro de chuva significativa na cidade", informou o órgão em nota.

De acordo com a Secretaria de Defesa Civil de Petrópolis, foram registradas 258 ocorrências, sendo 213 por deslizamentos e 45 entre desabamentos, quedas de muros e árvores. Conforme a De-

fesa Civil, até o início da tarde havia 372 pessoas acolhidas em 35 pontos de apoio instalados em escolas da rede pública. As aulas foram suspensas ontem.

As localidades onde ocorreram registros de maior gravidade, segundo a Secretaria de Defesa Civil de Petrópolis, são 24 de Maio, Morro da Oficina, Caxambu, Sargento Boening, Moimho Preto, Rio Uruguai, Rua Washington Luiz, Coronel Veiga, Vila Militar, Vila Felipe, Avenida Portugal e Rua Honorato Pereira.

Segundo o especialista em meteorologia, o meteorologista, professor da Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a chuva que provocou a tragédia teve volume semelhante ao registrado nos eventos de 2011, na região serrana. "O pico da chuva que atingiu Petrópolis na tarde de

terça-feira, no posto do Alto da Serra, teve um intensidade máxima de 199,2mm/h. Foram quatro horas de chuva. Em Nova Friburgo, em 2011, choveu 281,6mm em oito horas, no Posto Ipu. A intensidade máxima registrada foi de 88mm/h no Posto Olaria. Na chuva de Petrópolis de terça-feira, o pico foi de 200 milímetros por hora, enquanto em 2011 o pico máximo foi de 90 milímetros", explicou, em entrevista à CNN Brasil.

Ele destaca que Petrópolis está localizada em uma região bastante úmida, onde chove acima da média de outros pontos do Rio de Janeiro, e que a formação da cidade também influencia nesses eventos. "A topografia é bem propícia a esse tipo de evento. Uma inundação rápida com alta velocidade. O que chamamos de enxurrada."

DEVASTAÇÃO EM NÚMEROS

- 104** corpos foram resgatados até a última contagem de ontem
- 35** pessoas foram cadastradas como desaparecidas pelo Ministério Público do Rio
- 258** ocorrências foram registradas em 24 horas
- 213** deslizamentos foram registrados pela Defesa Civil
- 45** desabamentos ocorreram na cidade devido ao temporal

Força-tarefa da solidariedade

Órgãos públicos e associações de diversos setores anunciaram medidas para reunir doações e ajudar no atendimento às vítimas da chuva torrencial que atingiu Petrópolis. O Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro organizou um mutirão com juizes para agilizar e ordenar os documentos necessários para a identificação e liberação de corpos no Instituto Médico-Legal (IML). Por causa dos danos causados à infraestrutura da cidade, os fóruns não funcionaram ontem, e os prazos processuais foram suspensos.

A Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro enviou uma unidade móvel com defensores e servidores para o IML, com o objetivo de acompanhar o trabalho de identificação dos corpos. Além disso, foram montados postos de atendimento no Centro de Petrópolis e no distrito de Itaipava.

A sede da Defensoria Pública, no Centro do Rio de Janeiro, está recebendo doações de itens de higiene pessoal, limpeza, alimentos e roupas infantis e para adultos, além de água potável, mágicas e álcool em gel. O endereço é Avenida Marechal Câmara, 314, portaria.

Prefeituras de outros municípios também organizaram pontos de coleta de doações para envio às vítimas das chuvas em Petrópolis. Na capital, doações podem ser entregues nas 10 coordenadoras de Assistência Social (CAS), das 8h às 17h. O endereço de cada um dos pontos de coleta do município do Rio de Janeiro pode ser consultado na página da Secretaria Municipal de Assistência Social. Em Cabo Frio e Teresópolis, também foram organizados pontos de coleta de doações em diferentes bairros. A Associação de Supermercados do Estado do Rio de Janeiro (Asserj) informou que também está mobilizando seus associados para a doação de alimentos e itens de higiene para os sobreviventes da tragédia.

Além da doação de itens básicos, há mobilização também para assistência psicológica aos moradores afetados. O Sesc RJ disponibilizou o número telefônico (21) 3138-1189 para que familiares e amigos de vítimas, pessoas feridas e outros atingidos busquem atendimento psicológico. Ao entrar em contato, os interessados passam por uma triagem e podem agendar um horário para atendimento.

O Sesc também está recebendo doações nas duas unidades em Petrópolis (Sesc Nogueira e Sesc Quitandinha), e outras cinco unidades do estado: Niterói, Teresópolis, Nova Friburgo, São João de Meriti e no Bairro da Tijuca, na capital.

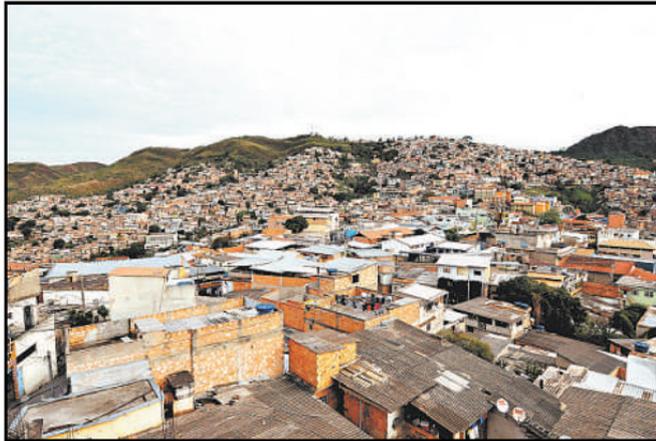
DESASTRE CLIMÁTICO

Especialista receita “esvaziamento” de áreas propensas a deslizamentos para prevenir tragédias como a ocorrida em Petrópolis. Em BH, mais de 2 mil moradias estão em perigo

Risco geológico impõe mudanças urbanas

ESTRAGOS EM SÉRIE

A primeira quinzena do ano, principalmente, foi marcada por fortes chuvas, que castigaram municípios de Minas Gerais e provocaram grandes estragos. O número de cidades em situação de emergência desde o início do período chuvoso chega a 341, segundo o boletim da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil (Cedec). Foram 24 pessoas que morreram em decorrência dos temporais, 3.992 desabrigados e 24.610 desalojados. Na manhã de ontem, a Defesa Civil de Belo Horizonte emitiu um novo alerta para a possibilidade de pancadas de chuva (20 a 40mm) com raios e rajadas de vento em torno de 50km/h, válido até a manhã de hoje. Ontem, ventania e a chuva de granizo danificaram estabelecimentos comerciais e causaram transtornos aos clientes, na Região da Pampulha, onde o teto de uma loja dos Supermercados BH foi praticamente partido ao meio. Ninguém se feriu.



Vista do Aglomerado da Serra, uma das áreas consideradas de alto risco geológico na capital mineira

NATASHA WERNECK

A tragédia provocada pela chuva em Petrópolis, no Rio de Janeiro, acende um alerta para os riscos geológicos presentes em todo o Brasil, por apresentar condições bioclimáticas que concentram grande volume pluviométrico. Em Minas Gerais, por exemplo, a situação não é diferente, como foi visto no início do ano, com os temporais que deixaram milhares de famílias desalojadas. O grande desafio das autoridades públicas é buscar um plano para evitar que esses desastres se repitam todos os anos. E a saída, aponta Allaoua Saadi, professor do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC/UFMG), está no planejamento das cidades, diminuindo a densidade demográfica nas áreas de risco.

Na capital mineira, segundo a Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (Ur-

bel), apesar de o risco geológico ser dinâmico, as áreas de risco geralmente são localizadas na região do Taquaril, Sustenido e Teodomiro Cruz, no Aglomerado da Serra. Hoje existem mais de 2 mil moradias em situações de risco alto e em 2021 foram removidas, preventivamente, 126 famílias. Só este ano, a Defesa Civil já atendeu a 361 chamados de deslizamento e escorregamentos.

“No nosso país, vivemos em condições bioclimáticas situadas entre os trópicos, área que concentra maior volume pluviométrico. Isso faz com que nossas rochas, ou a maior parte delas, sejam facilmente apodrecidas, alteradas. Uma rocha se transforma num solo argiloso e arenoso muito profundo e atinge metros de espessura. É um solo que armazena muita chuva, gerando bolsões de água. Em condições de relevo, isso provoca processos de desmoronamento”, explica Allaoua Saadi, professor do Instituto de Geociências da Univer-

sidade Federal de Minas Gerais (IGC/UFMG).

De acordo com ele, os riscos são maiores na região de Petrópolis do que em Minas. “Lá, o risco é maior porque o volume de chuva é maior do que aqui, devido à altitude e proximidade do oceano. A concentração das águas numa bacia fluvial é mais rápida e ocorre num espaço menor”, avalia. “De parecido temos o substrato rochoso, mas você tem inclinações elevadas e essas ocorrências de chuvas superconcentradas”, acrescenta.

Mas para tudo há solução. “A palavra ‘risco’ só tem sentido de ser utilizada quando há ameaça a bens e pessoas, uma cidade. Em condições naturais, aquilo não configura risco, é uma evolução natural. Sem a presença de pessoas, as áreas que estão escorregando e matando as pessoas, estariam deslizando do mesmo jeito, mas de uma forma menos prejudicial. Os lugares têm predisposição natural, mas o mode-

lo de ocupação urbana faz com que esses movimentos sejam de maior intensidade e de duração maior”, aponta.

A solução, defende, está no desadensamento populacional nessas áreas. “O que tem que fazer? Tirar as pessoas da situação onde estão ameaçadas. Nossos gestores precisam esvaziar 25% da cidade. Por exemplo, pegar as pessoas nas áreas de risco e colocá-las em lugares bem equipados, não muito longe das áreas onde elas trabalham. É preciso remodelar a cidade de maneira inteligente, utilizando ferramentas cognitivas”, avalia.

O professor prevê novos desastres. “A lição é muito difícil de aprender porque de 2010 até 2022 não fizeram nada para ter um controle do escoamento das águas. Daqui a uma década em Nova Lima, por exemplo, o que vai acontecer naquele município vai entrar para a história. Pelo andamento da densidade da urbanização, é um descontrol total”, disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Nacional Pagina: 11 e 12